

RELATÓRIO FECHAMENTO ANUAL 2022

CENÁRIO GLOBAL

O ano de 2022 se iniciou com um cenário desafiador, levando-se em consideração o forte impacto que a pandemia havia trazido, com a descoberta da Ômicron em novembro de 2021, nova cepa do Coronavírus, o que trouxe grande volatilidade aos mercados e queda no mercado de renda variável na economia global.

De forma negativa e mais acentuada no primeiro semestre, o conflito entre Rússia e Ucrânia prejudicou a oferta de commodities, e a duração prolongada do conflito impactou o mercado, indicando uma possível crise energética na Zona do Euro.

Nos Estados Unidos, o início de um novo ciclo de alta de juros impactou negativamente os mercados de riscos, sendo, contudo, posteriormente convertido a uma reação mais otimista através das últimas leituras da inflação, que indicava controle inflacionário e redução do risco do cenário de recessão.

No mercado econômico chinês, o crescimento abaixo das expectativas, afetado pela adoção da política de covid zero, impactou diretamente as bolsas de outras economias.

Em resumo, os principais índices do mercado acionário americano apresentaram retornos negativos no acumulado do ano, com MSCI ACWI caindo - 25,01% e o S&P500 o percentual de -24,68%, sem a proteção cambial. Tais resultados impactaram diretamente a performance da carteira do Instituto, principalmente quanto aos fundos com exposição no exterior, sendo que o fundo CAIXA BOLSA AMERICANA MULTIMERCADO teve rentabilidade anual de -11,97% e o FIA CAIXA INSTITUCIONAL BDR NÍVEL I fechou em -28,54%.

CENÁRIO DOMÉSTICO

Quanto ao cenário doméstico, o BC prosseguiu com a escalada de aumento de taxas de juros sucessivos até o segundo semestre, fechando o ano estável em 13,75%, porém o Copom não deixou de enfatizar a questão dos riscos fiscais e seus possíveis efeitos na política monetária.

Ao longo do primeiro semestre, os títulos atrelados à inflação mais curtos tiveram retorno positivo, e os mais longos sofreram mais com a alta da curva. No segundo semestre, a trajetória da inflação tendeu-se a uma direção mais favorável, registrando-se três meses consecutivos deflacionários, de agosto a setembro; e houve a desaceleração do PIB do terceiro trimestre, refletindo a adoção da política monetária mais restritiva e a complexidade do cenário externo.

Por fim, destacam-se que o resultado das eleições, definindo um Congresso Nacional mais centrista, gerou a expectativa de diminuição de se ocorrerem grandes desvios na condução de políticas públicas nos próximos anos, em contraponto à tendência demonstrada pelo presidente eleito, de viés à esquerda.

A ampliação do limite de gastos através da aprovação da PEC de transição, somada à autorização de proposições voltadas à uma nova política fiscal via lei complementar gerou questionamentos com relação à consolidação fiscal. Por outro lado, a composição da equipe do novo governo deu sinais de que o impulso fiscal será potencializado por uma maior atuação dos bancos públicos e investimentos nas empresas estatais.

Com relação aos índices Ibovespa e SMLL, ainda que tenham apresentado certa recuperação no segundo semestre, no acumulado do ano apresentaram retorno de 4,69% e -15,06%, não superando as perdas geradas pela crise.

Assim, diante de tais considerações, em meio a uma crise global refletindo na economia do país e a um cenário doméstico com muita volatilidade, verifica-se que a carteira do Instituto ainda se mostrou resiliente, apresentando fechamento anual positivo na ordem de **1,60%**, resultado da estratégia adotada, dando ênfase aos fundos de renda fixa, os quais apresentaram rentabilidade positiva de **9,22%** no acumulado do ano, mitigando, assim, parte dos efeitos negativos advindo da renda variável e dos investimentos no exterior.

Embora, por motivos claramente justificáveis, a meta atuarial anual não tenha sido atingida, alcançou-se fechamento anual com rentabilidade positiva da carteira, inclusive com ganho de capital ao se comparar com o ano anterior.

Porto Feliz, 19 de janeiro de 2023.

Comitê de Investimentos

Fls.2/2